

VOLUME 4  
NÚMERO 1  
MAR/2020  
ISSN 2596-0849




# AMMA RANTE PIAUI

Página 2 

## CASARÕES, RIO PARNAÍBA E POETA DA COSTA E SILVA



## CLUBE MUNICIPAL DE FLORIANO

Página 6 



# Editorial

A Revista Cais Cultural, realizada pelo Laboratório de Leitura e Produção Textual (LPT), nesta edição, traz como tema principal a história da cidade de Amarante-PI, local riquíssimo em múltiplas culturas, desde traços de descendência portuguesa a um centro de referência da literatura piauiense, onde destacaremos a vida e obra do poeta Antonio Francisco Da Costa e Silva. Para falar sobre a importância de ter o príncipe dos poetas piauienses presente na nossa região, entrevistamos o professor de literatura Daniel Ciarlini. Além disso abordamos a atual situação do Clube Municipal da cidade de Floriano-PI, espaço abandonado, mas que poderia contribuir com a movimentação da economia da cidade, além de acrescentar aspectos positivos na cultura florianense. Esperamos que tenham ótima leitura.

## Expediente

CRIAÇÃO E CONCEPÇÃO  
LPT e 3º ANO DO ENS. MÉDIO

EDITOR

José Ribamar Lopes Batista Jr.

REPORTAGEM

Ancelmo Dias Benício  
Fernanda Martins de Santana  
Maria Angélica dos Santos Alves  
Marcos Aurélio Pinheiro Leal

ENTREVISTA

Eduardo Ferreira Moura  
Maria Emília Carneiro da Silva

FOTOGRAFIA

Amon da Silva Ribeiro  
Gabriell Lucas Santos Cardoso

DICAS

João Raimundo Messias de S. Filho  
Marcos Vinicius da Costa Sousa

REVISÃO

José Ribamar Lopes Batista Jr.  
Denise Tamaê Borges Sato  
Sandro Xavier

DIAGRAMAÇÃO

Romano Rocha

CONTATO

caisculturalctf@gmail.com  
89 98125-8251

Editora da Universidade Federal do Piauí  
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella,  
espaço Rosa dos Ventos - Ininga  
CEP: 64.049-550 - Teresina Piauí

PERIODICIDADE  
Trimestral

# CULTURA, POESIA E BELAS HISTÓRIAS NA TERRA DE DA COSTA E SILVA

Localizada no centro sul do Piauí, a cidade de Amarante é muito rica em cultura e histórias a serem contadas.

Inicialmente, a cidade era habitada por índios acoroás e quênques, quando, em 1699, chegaram os primeiros colonizadores, iniciando, assim, o povoamento do município, que consistiu em um processo difícil em virtude da hostilidade dos povos nativos. Em sua origem, em 1832, a cidade foi chamada Vila de São Gonçalo, onde fica localizada a atual cidade de Regeneração. Somente em 1861, foi transferida a sede municipal e paroquial para o porto de São Gonçalo do Amarante, um processo de progresso e desenvolvimento comercial, em razão do Rio Parnaíba, que contribuiu em abundância no transporte e na comunicação, e fez com que, em 1871, a vila fosse elevada à categoria de cidade, com o nome de Amarante, em homenagem ao atual padroeiro da cidade, São Gonçalo.

Às margens do Rio Parnaíba, onde foi formada a cidade, encontra-se o primeiro quilombo reconhecido no Piauí, o Mimbó (tema do Volume 3, Número 3). Amarante é uma cidade detentora de forte tradição portuguesa, bastante perceptível, especialmente, em seu casario secular e suas danças folclóricas.

Além desse aspecto histórico, a cidade de Amarante é a terra natal de importantes figuras políticas e literárias, como o poeta Antonio Francisco da Costa e Silva, escritor do Hino do Piauí e príncipe dos poetas piauienses, um homem declaradamente apaixonado por sua cidade, o que se pode notar em suas poesias escritas, as quais são encontradas em livros e nos diversos monumentos espalhados pela cidade. Entre os quais destacam-se o Mirante e a Escadaria Da Costa e Silva, lugar onde é possível ter uma visão panorâmica de boa parte da cidade e do município vizinho de São Francisco do Maranhão. Há histórias de que o poeta ficava horas nesse morro escrevendo suas poesias. As homenagens a ele também estão presentes em outros imóveis da cidade e nos concursos literários realizados nas escolas pela Secretaria Municipal de Educação.

O centro histórico é formado por 72 casarões e já foi cenário para produções de época e do icônico e hilário filme Ai que vida (lançado em 14 de setembro de 2008 e dirigido por Cícero Filho). Entre os mais de 72 casarões, apenas dois são



tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan): a Casa dos Azulejos e a Casa Odilon Nunes. Os imóveis com estilo português estão ligados uns aos outros e geralmente possuem janelas apenas na frente e jardim interno. O Centro também está intimamente ligado ao Rio Parnaíba, que possui muitos balneários ao longo do seu leito. Ainda é possível ver o encontro dele com o Rio Canindé.

Como forma de preservar a sua história, a cidade de Amarante possui museus particulares com acervos variados, entre eles, destacam-se o Museu Da Costa e Silva, em homenagem ao poeta, e o Museu do Divino, com diversas peças alusivas ao Espírito Santo e à festa na época de Pentecostes.

### **Auta Rosa: de escrava a Santa**

Na cidade de Amarante, há também a história de Auta Rosa, nascida em 1861, uma escrava que viveu há muito tempo no local que hoje é Amarante. Ela era denominada como “mulher da vida” ou, até mesmo, aquela que tinha os três pê (pobre, preta e prostituta). Logo após engravidar, Auta foi expulsa da casa onde trabalhava e passou a viver de favores domésticos para sobreviver. Nessa época, a tuberculose, tida como mal do século, matava muitas pessoas pelo Brasil afora, inclusive em Amarante, onde havia praticamente uma epidemia, e ainda não existia cura para esse tipo de problema. Em contato com alguns tuberculosos, ela logo acabou adquirindo a doença e sofreu muito até sua morte, em 1890. Na ocasião de seu sepultamento, houve confrontos em que a elite amarantina impôs que uma mulher negra, pobre e prostituta não podia ser enterrada no mesmo local em que pessoas consideradas “poderosas”. Em razão disso, acabaram enterrando-a do lado de fora do cemitério, exatamente à beira do muro.

Alguns meses depois do episódio, um governante de Amarante, comovido com a história, ordenou que mudassem o corpo para dentro do cemitério, e, a partir daí, há relatos de pessoas da época que afirmam que, ao terem contato com o corpo da falecida, mesmo com tanto tempo de sua morte, ele começou a sangrar. Outros relatam, também, que um cheiro de rosas se espalhou pelo local por algum tempo. Em razão disso, suspenderam a transferência do corpo de Auta, que, para alguns, passou a ser tida como santa. Desde então, seu túmulo é bastante visitado, onde pessoas vão, até mesmo de outras cidades e estados, realizar preces e pedidos e, após serem atendidos, fazer orações e depositar votos de agradecimentos pela alma de Auta Rosa.

### **Lira: produção de cachaça e Ecoparque**

A cidade de Amarante, hoje especialmente, atrai turistas em razão do processo de produção da Cachaça Lira, iniciado por Francisco José Lira, na segunda metade do século 19, que conseguiu continuar produzindo cana, mesmo em tempos de estiagem, graças a métodos de preservação ambiental e uso racional dos recursos naturais. A qualidade da cachaça produzida se restringe ao não uso de fertilizantes e agrotóxicos nos meios de produção. Hoje, a produção de cachaça está por conta da quinta geração da família Lira. Sua fazenda encontra-se aberta a visitantes que



queiram conhecer tanto os mais antigos quanto os mais modernos processos de produção da bebida orgânica. Logo ao lado da fazenda, há, ainda, o Lira Ecoparque, com boa estrutura para recepção de turistas, restaurante e diversas atividades, determinando, assim, um fator com forte impacto de movimentação da economia da cidade de Amarante.

### Guias de turismo: amor e resistência

A cidade conta com a Associação de Condutores e Visitantes de Amarante (Aconva), que foi formada a partir da iniciativa de alunos de licenciatura em história (turma de 2006). Eles também fizeram curso de guia de turismo e, em seguida, reuniram-se para formar a associação. No entanto, hoje, ela se encontra desativada, mas Joselene (mais conhecida como Jota) e mais três guias mantêm a atividade para os interessados em conhecer Amarante, enquanto o grupo espera por apoio para reativá-la.

O objetivo principal da associação é apresentar os pontos históricos da cidade, bem como os imensos casarões, numa iniciativa de preservar e contar sobre os monumentos históricos e as principais personalidades que compõem a história e a cultura da cidade.

Para contratar os serviços da associação, basta entrar em contato com a guia Joselene pelo telefone (86) 99568-4946.



## ENTREVISTA

**Para falar sobre literatura piauiense e, especialmente, sobre o príncipe dos poetas, Da Costa e Silva, Cais Cultural conversou com o professor Daniel Ciarlini.**

**Cais Cultural:** Como professor, como você se sente em trabalhar por aqui, sabendo que um grande poeta e de grande contribuição para a cultura nordestina é piauiense?

**Daniel Ciarlini:** Morar no centro-sul do Piauí foi uma escolha baseada em alguns fatores: nunca gostei de cidades populosas (já morei em três capitais) e, residindo nessa porção do estado, acredito resolver algumas questões ainda lacunares em meu estudo sobre a história da literatura piauiense. Os mais

importantes poetas do Piauí saíram desse circuito, e foi o "topos" poético de suas produções que contaminou parte significativa da nossa literatura, nos mais variados tempos. Da Costa e Silva, por exemplo, embora não seja a única estrela dessa constelação, foi aquele que melhor sintetizou o lirismo piauiense ligado à poeticidade do espaço, traduzido em um pequeno volume que o autor enfeixou com o título de Zodíaco.

**CC:** Você considera Da Costa e Silva um exemplo para muitos piauienses que queiram seguir os mesmos passos que o autor?

**DC:** Da Costa e Silva, como poeta, foi de uma sensibilidade ímpar, não se pode negar. Suas produções, ainda hoje, nos arrebatam, pela imagem, pela música, pelas correlações. Já estamos em outros tempos, não sei se o “seguir os mesmos passos” resultaria em algo produtivo como nos tempos do poeta. O Amarantino foi um dos muitos escritores do Piauí que se viu obrigado a deixar a terra para fins diversos, sendo o mais urgente o trabalho, respingando, lógico, na sua visibilidade, já que acabou se envolvendo em diversos circuitos literários e, consequentemente, encontrando uma maior recepção. Acredito, porém, que o seu maior exemplo resida na obstinação. Aliás, essa palavra funciona para muitos aspectos da vida de Da Costa e Silva, tanto na literária como na pessoal.

**CC:** Você poderia ressaltar um pouco sobre a importância de preservar a memória de autores regionais e levar essa cultura para outros lugares?

**DC:** Esse é um dos trabalhos com os quais nós, piauienses, temos que nos ocupar a fim de entender um pouco mais a nossa literatura. O estudo da literatura no Piauí ainda é muito obscuro, principalmente em relação às produções femininas, mas acredito que, nos próximos cinco anos, essa realidade vai mudar, em especial com o mais importante empreendimento editorial da história do Piauí, organizado pela Academia Piauiense de Letras: trata-se do selo “Coleção Centenário”, que, de 2012 a 2017, se dispôs a publicar 100 obras significativas da cultura piauiense, como parte das comemorações dos 100 anos da instituição. O centenário já passou, estamos em 2019 e o projeto ainda segue à todo vapor, como diria Alencar, ultrapassando a marca estabelecida. O Piauí, há muito tempo, tinha essa dívida com a cultura e a ciência. Obras com mais de 100 anos sem reedição agora ganham publicidade, tornando-se acessíveis a todos os entusiastas e estudiosos. Foi assim que relemos muitos autores dessa tradição literária piauiense já fora de circulação.

**CC:** Da Costa e Silva é autor das letras do Piauí. É notório que isso representa um grande feito para o povo piauiense, o que deixa nítidas as inúmeras homenagens concedidas a ele, principalmente em sua cidade, onde são encontradas bibliotecas e praças etc. A partir disso, você pode falar quais são os principais poemas que têm mais destaque na literatura e por quê?

**DC:** Da Costa e Silva foi um homem do seu tempo e, como tal, reproduziu muitas crenças e ideias que estavam na ordem do dia. É claro que hoje, penso eu, uma ou duas estrofes do hino seriam repensadas, mas nada que ponha em demérito a iluminação poética do autor. Mas, isso, se vivo fosse o autor de “Saudade”... Já respondendo ao último ponto do questionamento, há poemas pontuais de sua produção que nos valem muito, pela significação das imagens e pela força musical, como “Saudade”, “Amarante”, “A Moenda”, “O Canto do Bêbedo” e “Vale de lágrimas”.

**CC:** Na visão de professor e de um grande conhecedor da literatura brasileira, qual o principal legado que Da Costa e Silva deixou para nós piauienses?

**DC:** Sem dúvida, o maior legado reside no amor ao torrão

natal, na valorização de seu espaço e costumes. Somente esse tipo de sentimento foi capaz de edificar uma poética tão profunda e universal que não deixa nada a desejar. Aliás, a Amarante de Da Costa e Silva é um céu. Quem a visita sente essa energia e se encanta com as paisagens que circunscrevem a histórica cidade. Dela, saíram outros tantos nomes que compõem a historiografia literária piauiense, como o sonetista Carvalho Filho, Joaquim Ribeiro Gonçalves, o historiador Odilon Nunes e Saraiva de Lemos.

**CC:** Do ponto de vista de um conhecedor do poeta, você poderia resumir um pouco sobre o estilo de escrita do poeta?

**DC:** A escrita de Da Costa e Silva é rica e não pode, no decorrer de sua produção, ser pensada dentro de um estilo. Ela paira entre algumas tendências, variando de livro para livro. Há um forte teor simbolista como também não se pode omitir alguma influência parnasiana. No campo da poeticidade do espaço, não deixa o poeta de se inscrever na evocação de um regionalismo sertanista configurado ali em pleno período romântico, embora um pouco tardio. No mais, a meu ver, foi esse piauiense um autêntico artífice do verso. Não há como discordar que seus poemas tenham sido lapidados nos níveis estético e sentimental. Cada verso foi planejado, casa arranjo sincronizado pela harmonia rítmica, produto de uma época que exigia mais do que a provocação, o encantamento, a identificação.

**CC:** A respeito das obras, Da Costa e Silva era um grande preservador da cultura piauiense, você, de alguma forma, observa carência no conhecimento por parte dos cidadãos piauienses?

**DC:** A carência que nós piauienses temos em relação aos bens simbólicos do Piauí não reside tão somente na apatia ou no desinteresse, mas, como dito acima, na dificuldade de acesso aos produtos culturais de nossa história – circunstância que pouco a pouco está mudando. Além disso, tenho visto com muito otimismo o crescente interesse, tanto por parte de leitores como de pesquisadores e de professores em relação aos trabalhos piauienses, nos mais variados tempos. Nossos programas de pós-graduação não se furtam em abrir espaço a pesquisas sobre a cultura, a ciência, a história e a literatura genuinamente piauienses. A Universidade Estadual do Piauí, por exemplo, mantém já há alguns anos uma cadeira, em nível de graduação, em Literatura Piauiense, e ela tem sido uma espécie de introdução às nossas letras, mostrando a importância em valorizarmos a nossa safra de escritores.



# HISTÓRIAS DE AMOR E DE ABANDONO DO CLUBE MUNICIPAL DE FLORIANO



O Clube Municipal da cidade de Floriano fica localizado na Rua Adelina Monteiro e foi construído em 1987, na gestão do prefeito Manuel Simplício. Na época, o clube tinha como principal meta funcionar como novo espaço de lazer que também gerasse renda para a cidade. Com isso, diversas atrações e grandes nomes da música brasileira cantaram no referido ambiente, tais como Amado Batista e Aviões do Forró.

Além disso, o clube também era fonte de renda para diversas pessoas da cidade, visto que havia um espaço para colocarem suas barraquinhas e venderem bebidas, espetos, por exemplo. Logo todo o lucro era revestido à família.

Ademais, o local chamava atenção de todo o público, desde as pessoas da terceira idade até os adolescentes, pois, além de músicas populares, diversos cantores de reggae frequentavam o local, deixando os jovens daquela época muito à vontade, servindo, inclusive, de ponto de encontro para diversos casais, como no caso de dona Conceição e de seu Carlito. Os dois já se conheciam e marcaram de se encontrar no mesmo ano em que o clube estava sendo

inaugurado, como contou dona Conceição: “O clube mudou muito a minha vida, pois foi lá que encontrei o grande amor da minha vida e estamos juntos até hoje”.

Os anos se passaram e novas gestões assumiram o controle. No entanto, o grande Clube Municipal foi ficando de lado, caindo no esquecimento ano após ano e, hoje, para infelicidade de muitos, ele se encontra de portas fechadas. Isso deixou as pessoas com muitas perguntas sobre o fechamento do clube. O que, por sinal, ninguém sabe responder, já que, o descaso com o patrimônio público é evidente, uma vez que tal ambiente poderia continuar a gerar renda para a cidade e para muitas famílias, e melhorar a vida de muitos florianenses, ainda mais na atual crise em que o país se encontra.

O descaso da Secretaria de Cultura também é nítido. Por que não lançar um projeto para reestruturar o clube, considerando que o espaço, tempos atrás, serviu de encontro para amores, reunião da juventude florianense, bem como para jogar conversa fora? Hoje, encontra-se cheio de mato e de incertezas – de futuro e prosperidade.

## DICAS

### LIVRO

#### Sangue

Primeiro livro do poeta Da Costa e Silva, escrito entre 1902 e 1908. Podemos notar que é uma obra simbolista por conta de temas, vocabulário, entre outras características pelas quais percebemos uma ortodoxia simbolista. No livro, encontra-se uma linguagem cintilante e bastante forte. Foi o livro que marcou o debate do estilo total simbolista. Na obra, alguns dos assuntos que o autor retrata com frequência é a terra natal, a cidade de Amarante/PI, na qual o poeta foi muito importante, também o Rio Parnaíba, a saudade e a temática amorosa são bastante recorrentes.

### SERIADO

#### Chernobyl

Você conhece o mais grave e mais famoso acidente nuclear da história? Quando os operadores de uma grande usina nuclear resolveram fazer um teste no reator de número 4, isso acabou em um erro grotesco quebrando várias normas de segurança, causando o maior desastre nuclear de todos os tempos. A série Chernobyl conta, basicamente, a história da explosão seguida de um incêndio na Usina Nuclear de Chernobyl, que acaba com a vida de muitas pessoas e se torna o maior acidente do tipo. Com isso, algumas pessoas agem de forma corajosa e passam a investigar os danos trágicos que ocorreram em 1986 na Usina Nuclear de Chernobyl.

### FILME

#### Sociedade dos poetas mortos

O filme abrange a história de um professor de poesia que apresenta uma metodologia de ensino/aprendizagem bastante diferenciada da escola em que ele acaba de começar a trabalhar. Trata-se de um professor que já foi aluno da instituição em que passará a ministrar aula como substituto daquele que lhe lecionou literatura e está se aposentando. O filme se passa na escola secundária Academia Welton, que é muito renomada por ter valores e tradições bastante severos. É uma escola fictícia focada em educar apenas meninos. A escola forma grandes patriarcas em uma sociedade em que os pais eram bastante influentes na vida profissional dos filhos.

